



**EDUCAÇÃO E ARTE APINAYÉ COMO POSSIBILIDADE PARA UMA ESTÉTICA
DECOLONIAL**

um estudo na perspectiva da mediação (inter)cultural

**EDUCACIÓN Y ARTE APINAYÉ COMO POSIBILIDAD PARA UNA ESTÉTICA
DECOLONIAL**

un estudio desde la perspectiva de la mediación (inter) cultural

**EDUCATION AND APINAYÉ ART AS POSSIBILITY FOR A DECOLONIAL
AESTHETICS**

a study from the perspective of (inter)cultural mediation

*Simara de Sousa Muniz*¹

Universidade Federal do Tocantins UFT
Universidade Estadual do estado do Tocantins-UNITINS
E-mail: simaramuniz@hotmail.com
ORCID: (<https://orcid.org/0000-0001-9725-1970>)

*Francisco Edviges Albuquerque*²

Universidade Federal do Tocantins-UFT
E-mail: fadeviges@uol.com.br
ORCID: (<https://orcid.org/0000-0002-0004-1887>)

*Severina Alves de Almeida*³

Universidade Federal do Tocantins UFT
Faculdade de Ciências do Tocantins-FACIT
E-mail: sissi@faculadefacit.edu.br
ORCID: (<https://orcid.org/0000-0001-5903-6727>)

¹ Doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Letras: Ensino de Língua e Literatura – PPGL da Universidade Federal do Tocantins, campus de Araguaína-TO. Mestre em Letras: Ensino de Língua e Literatura – UFT (2017). Pedagoga pela Faculdade Educacional da Lapa (2014). Professora da Universidade Estadual do Tocantins-Unitins. E-mail: simaramuniz@hotmail.com.

² Doutor em Letras pela Universidade Federal Fluminense. Professor Associado Nível I da UFT, campus de Araguaína-TO. Coord. do Observatório da Educação-UFT. Coord. do Laboratório de Línguas Indígenas - LALI/UFT. Coord. do Núcleo de Estudos e Pesquisas com Povos Indígenas – NEPI. Professor do Programa de Pós-Graduação em Letras-PPGL e do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura e Território- PPGCult-UFT. E-mail: fedviges@uol.com.br.

³ Pós-doutoranda na Universidade Federal do Tocantins-UFT pelo Programa de Pós-graduação em Letras: Ensino de Língua e de Literatura PPGL (2019). Doutora em Linguística pela UnB (2015). Pedagoga pela UFT (2009). É Professora Titular da Faculdade de Ciências do Tocantins-FACIT desde 2016. Editora Chefe da Revista Facit Business and Technology Journal, indexada com Qualis B1. E-mail: sissi@faculadefacit.edu.br



TEATRO: criação e construção de conhecimento

Resumo

O ser humano é o único vivente que precisa da educação, pois somente assim sua humanidade se efetivará. A arte favorece essa transposição, pois se apresenta mesmo como a única forma de se eternizar a presença do homem na terra. Historicamente, educação e arte se confraternizaram num cenário dividido, quando o homem branco, habitante da polis impôs suas formas de ser e de viver, disseminando sua cultura a partir de critérios muito pontuais. As pessoas que não atendessem aos pré-requisitos estabelecidos eram excluídas. É a estética da invisibilidade, imposta aos escravos e àqueles que viviam no campo. São, pois, os nossos indígenas atualmente, vitimados pelo colonizador. Nosso objetivo aqui é apresentar a Educação e a Arte Apinayé como possibilidade para uma estética decolonial, na perspectiva da mediação (Inter)cultural e dos estudos culturais. Os procedimentos metodológicos foram: pesquisa interdisciplinar (Vasconcelo, 2009; Fazenda, 2008); pesquisa qualitativa e bibliográfica (Severino, 2001; Gil, 2002; Almeida et al, 2017; Miranda e Silva, 2019), e pesquisa internetnográfica (Almeida et al, 2017a; Kozinets, 2014). Termos como Educação Indígena, os Apinayé, Estética Decolonial, Decolonialidade e Mediação (Inter)cultural foram estudados com rigor, e, não obstante, assumem lugar de destaque nos discursos atuais. A Estética decolonial é revelada a partir dos estudos de Walter Mignolo. A decolonialidade originou-se no início do sistema-moderno-colonial que organiza diferenças e desigualdades entre povos, partindo da dupla configuração, raça-etnia. A mediação (Inter)cultural favorece esse diálogo, fomentando conhecimentos e competências socioculturais para intervir em grupos, organizações e instituições no âmbito da interculturalidade e do pluralismo cultural, efetivando ações educativas em prol da igualdade e do respeito à diversidade. É, pois, uma educação que promove atitudes, comportamentos e intercâmbios sociais, rejeitando toda e qualquer forma de discriminação e implementando relações positivas entre as culturas. Os indígenas, notadamente os Apinayé, a educação e a arte em suas aldeias forneceram os subsídios necessários para a realização do trabalho, favorecendo a emergência de uma estética decolonial, no âmbito da mediação (Inter)cultural.

Palavras-chave: Educação e arte Apinayé; Estética decolonial; Decolonialidade; Mediação (Inter)cultural.

Abstract

The human being is the only living being who needs education, because only then will his humanity become effective. Art favors this transposition, as it presents itself as the only way to eternalize the presence of man on earth. Historically, education and art came together in a divided scenario, when the white man, inhabitant of the polis, imposed his ways of being and living, disseminating his culture based on very specific criteria. People who did not meet the established prerequisites were excluded. It is the aesthetic of invisibility, imposed on slaves and those who lived in the countryside. They are, therefore, our indigenous people today, victimized by the colonizer. Our goal here is to present Education and Art Apinayé as a possibility for a decolonial aesthetic, in the perspective of (Inter) cultural mediation and cultural studies. The methodological procedures were: interdisciplinary research (Vasconcelo, 2009; Fazenda, 2008); qualitative and bibliographic research (Severino, 2001; Gil, 2002; Almeida et al, 2017; Miranda e Silva,

MUNIZ, Simara de Sousa; ALBUQUERQUE, Francisco Edviges; ALMEIDA, Severina Alves de. Educação e Arte Apinayé como possibilidade para uma estética decolonial: um estudo na perspectiva da mediação (inter) cultural. *Teatro: criação e construção de conhecimento*, V. 8, N. 1 e 2, p. 141-161, 2020.

Organização de Dossiê: Prof. Dra. Ana Carolina Fialho de Abreu
Editor-Chefe: Prof. Dr. Juliano Casimiro de Camargo Sampaio
ISSN: 2357-710X

Laboratório de Pesquisa e Extensão em Composição Poética Cênica, Narratividade e Construção de Conhecimento (CONAC)
Universidade Federal do Tocantins (UFT)



TEATRO: criação e construção de conhecimento

2019), and internetnographic research (Almeida et al, 2017a; Kozinets, 2014). Terms such as Indigenous Education, the Apinayé, Decolonial Aesthetics, Decoloniality and (Inter) cultural Mediation have been studied rigorously, and, nevertheless, assume a prominent place in current speeches. Decolonial aesthetics is revealed from the studies of Walter Mignolo. Decoloniality originated at the beginning of the modern-colonial system that organizes differences and inequalities between peoples, starting from the double configuration, race-ethnicity. (Inter) cultural mediation favors this dialogue, fostering sociocultural knowledge and skills to intervene in groups, organizations and institutions within the scope of interculturality and cultural pluralism, carrying out educational actions and promoting equality and respect for diversity. It is, therefore, an education that promotes attitudes, behaviors and social exchanges, rejecting any and all forms of discrimination and implementing positive relationships between cultures. The indigenous people, notably the Apinayé, education and art in their villages provided the necessary subsidies for carrying out the work, favoring the emergence of a decolonial aesthetic, within the scope of (Inter) cultural mediation.

Keywords: Education and art Apinayé; Decolonial aesthetics; Decoloniality; (Inter)cultural mediation.

Resumen

El ser humano es el único ser vivo que necesita educación, porque solo entonces su humanidad se hará efectiva. El arte favorece esta transposición, ya que se presenta como la única forma de eternizar la presencia del hombre en la tierra. Históricamente, educación y arte confluyeron en un escenario dividido, cuando el hombre blanco, habitante de la polis, impuso sus formas de ser y de vivir, difundiendo su cultura en base a criterios muy concretos. Se excluyó a las personas que no cumplían con los prerequisites establecidos. Es la estética de la invisibilidad, impuesta a los esclavos y a los que vivían en el campo. Son, por tanto, nuestros pueblos indígenas, actualmente victimizados por el colonizador. Nuestro objetivo aquí es presentar la Educación y el Arte Apinayé como una posibilidad de una estética decolonial, en la perspectiva de la mediación (inter) cultural y los estudios culturales. Los procedimientos metodológicos fueron: investigación interdisciplinaria (Vasconcelo, 2009; Fazenda, 2008); investigación cualitativa y bibliográfica (Severino, 2001; Gil, 2002; Almeida et al, 2017; Miranda e Silva, 2019), e investigación internetnográfica (Almeida et al, 2017a; Kozinets, 2014). Términos como Educación Indígena, los Apinayé, Estética Decolonial, Decolonialidad y Mediación (Inter) cultural han sido estudiados con rigor y, sin embargo, ocupan un lugar destacado en los discursos actuales. La estética decolonial se revela a partir de los estudios de Walter Mignolo. La decolonialidad se originó al inicio del sistema colonial moderno que organiza las diferencias y desigualdades entre los pueblos, a partir de la doble configuración, raza-etnia. La mediación (inter) cultural favorece este diálogo, fomentando conocimientos y habilidades socioculturales para intervenir en grupos, organizaciones e instituciones en el ámbito de la interculturalidad y el pluralismo cultural, llevando a cabo acciones educativas a favor de la igualdad y el respeto a la diversidad. Es, por tanto, una educación que promueve actitudes, comportamientos e intercambios sociales, rechazando cualquier forma de discriminación e implementando relaciones positivas entre culturas. Los

MUNIZ, Simara de Sousa; ALBUQUERQUE, Francisco Edviges; ALMEIDA, Severina Alves de. Educação e Arte Apinayé como possibilidade para uma estética decolonial: um estudo na perspectiva da mediação (inter) cultural. *Teatro: criação e construção de conhecimento*, V. 8, N. 1 e 2, p. 141-161, 2020.

Organização de Dossiê: Prof. Dra. Ana Carolina Fialho de Abreu
Editor-Chefe: Prof. Dr. Juliano Casimiro de Camargo Sampaio
ISSN: 2357-710X

Laboratório de Pesquisa e Extensão em Composição Poética Cênica, Narratividade e Construção de Conhecimento (CONAC)
Universidade Federal do Tocantins (UFT)



indígenas, em particular los Apinayé, la educación y el arte en sus aldeas proporcionaron los subsidios necesarios para la realización de la obra, favoreciendo el surgimiento de una estética decolonial, en el ámbito de la mediación (inter) cultural.

Palabras-clave: Educación y arte Apinayé; Estética decolonial; Decolonialidad; Mediación (inter) cultural.

INTRODUÇÃO

*Não há educação sem amor,
o amor implica a luta contra
o egoísmo, quem não é capaz
de amar os seres inacabados
não pode educar. Não há
educação imposta, como não
há amor imposto. Quem não
ama, não compreende o
próximo, não o respeita. Não
há educação do medo. Nada
se pode temer da educação
quando se ama.*

Paulo Freire

O homem precisa da educação para efetivar sua humanidade. A arte, por conseguinte, torna permanente a passagem do homem na terra, pois sua intemporalidade se perpetua no tempo e na história, permitindo ao homem deixar não somente registradas ações de sua vida terrena, mas também seu legado para as próximas gerações. A educação atua na subjetividade humana como um catalisador, estimulando mudanças no comportamento das pessoas, fomentando relações afetivas, entendimento e aceitação do outro como uma extensão de nós mesmos. A educação muda, transforma, aperfeiçoa condutas, dá visibilidade àqueles que a sociedade coloca em ostracismo, tais quais os indígenas Apinayé da Região do Bico do Papagaio⁴.

⁴ Situada no extremo norte do Estado, a região do Bico do Papagaio é uma área de transição entre a fauna e a flora do cerrado e da Amazônia. A região do Bico do Papagaio está localizada entre os rios Araguaia, a Oeste, e Tocantins, a Leste, fazendo fronteira entre o Estado do Pará, a Oeste, e Maranhão, a Leste. Fonte: <https://turismo.to.gov.br/regioes-turisticas/bico-do-papagaio>. Acesso em: 30-mai-2020.

Nesse sentido a Educação, notadamente a Educação Indígena, se apresenta como uma forma de enfrentamento da cultura colonial iniciada no Brasil ainda no século XV. O colonialismo ainda está presente no imaginário da sociedade, e as formas de propagação do racismo, da intolerância, do desprezo e da ignorância são ativadas pelos meios de comunicação em massas, bem como pela educação que, muito embora tenha avançado nas duas últimas décadas, atualmente dá sinais visíveis de retrocesso.

Dentro desse quadro mais amplo e nada animador, apresentamos a Estética Decolonial como forma de enfrentamento dos problemas advindos de uma conjuntura nacional e internacional que propaga ódio e intolerância junto às minorias étnicas. Assim, a Decolonialidade e a Mediação (Inter)cultural atuam favorecendo um diálogo promissor, mas temos que levar isso para as formas educativas, considerando a interculturalidade que, em interação com os Discursos Socioculturais, promove a unidade em meio à diversidade.

A Estética decolonial é revelada a partir dos estudos de Walter Mignolo. A decolonialidade originou-se no início do sistema-moderno-colonial que organiza diferenças e desigualdades entre povos, partindo da dupla configuração, raça-etnia. A mediação (Inter)cultural favorece esse diálogo, fomentando conhecimentos e competências socioculturais para intervir em grupos, organizações e instituições no âmbito da interculturalidade e do pluralismo cultural, efetivando ações educativas e, prol da



TEATRO: criação e construção de conhecimento

igualdade e do respeito à diversidade. É, pois, uma educação que promove atitudes, comportamentos e intercâmbios sociais, rejeitando toda e qualquer forma de discriminação e implementando relações positivas entre as culturas. Os indígenas, notadamente os Apinayé, a educação e a arte em suas aldeias forneceram os subsídios necessários para a realização do trabalho, favorecendo a emergência de uma estética decolonial, no âmbito da mediação (Inter)cultural.

A pesquisa, de teor qualitativo e interdisciplinar, efetivou-se a partir dos critérios da pesquisa bibliográfica e internetnográfica (Severino, 2001; Fazenda, 2001; Gil, 2002; Almeida et al., 2017; Kozinets, 2014; Almeida et al., 2017a; Miranda e Silva, 2018). Segundo Severino (2001), Gil, 2002 e Almeida et al. (2017), mediante a bibliográfica, se obtém acesso aos estudos realizados e publicados, possibilitando identificar trabalhos considerados clássicos no âmbito de uma determinada literatura, bem como as mais recentes descobertas da ciência numa determinada área do conhecimento. O objetivo desse tipo de pesquisa é orientar pesquisadores e pesquisadoras para não repetir temáticas já estudadas.

Também realizamos uma pesquisa do tipo internetnográfica. Segundo Almeida et al. (2017a), a Internetnografia tem suas raízes na pesquisa netnográfica, a partir dos estudos realizados por Kozinets (2014), e tem como principal característica se realizar em ambientes virtuais, no âmbito da internet e seus artefatos, com a vantagem de se obter um número maior de dados num curto espaço de tempo, maximizando, assim, o tempo real de geração e coleta de dados.

A pesquisa qualitativa se efetivou mediante leitura de livros, capítulos de livros, artigos científicos publicados em periódicos indexados e bibliotecas digitais das mais

renomadas Instituições de Ensino, e realizou-se a partir de consultas aos Bancos de Dados SciELO e Google Acadêmico. Segundo Gil (2002) e Miranda e Silva (2018), a pesquisa qualitativa possibilita levantar dados atribuindo-lhes um significado, avaliando e apreendendo o fenômeno estudado a partir de um contexto específico. Para esses autores, o conteúdo qualitativo de uma pesquisa também se manifesta na essência do fenômeno estudado, explicando não somente sua origem, mas também identificando mudanças e analisando as consequências dos resultados.

Nesse sentido, os dados são descritos, discutidos e analisados na perspectiva da análise de conteúdo (Campos, 2004, p. 611), Uma vez que “[...] o método de análise de conteúdo constitui-se em um conjunto de técnicas utilizadas na análise de dados qualitativos”; primeiro, auxiliando o pesquisador iniciante assim como aqueles que não estão familiarizados com esse procedimento, minimizando dificuldades em relação à apreensão e aplicação do método em suas pesquisas e seus respectivos resultados.

OS APINAYÉ: ARTE E EDUCAÇÃO NO BICO DO PAPAGAIO

Na sociedade Apinajé, é importante saber que existe uma posição onde o “conhecer” e o “defender” estão em plena sintonia, como um momento simultâneo e não como dois estágios separados e antagônicos, como sempre tem sido colocado. Todavia, o ponto de partida, deve-se notar bem, não é aquele que assume a defesa do índio como parte de um “movimento semifilantrópico”, que apresenta o índio como “bom, inocente, puro e infantil”, mas porque esse índio, “como homem verdadeiro que é desenvolveu um conjunto original de soluções para uma série de problemas comuns a toda a humanidade”.

Roberto da Matta

Os Apinayé são indígenas remanescentes dos Timbira Orientais, autodenominados jê,

MUNIZ, Simara de Sousa; ALBUQUERQUE, Francisco Edviges; ALMEIDA, Severina Alves de. Educação e Arte Apinayé como possibilidade para uma estética decolonial: um estudo na perspectiva da mediação (inter) cultural. *Teatro: criação e construção de conhecimento*, V. 8, N. 1 e 2, p. 141-161, 2020.

Organização de Dossiê: Prof. Dra. Ana Carolina Fialho de Abreu
Editor-Chefe: Prof. Dr. Juliano Casimiro de Camargo Sampaio
ISSN: 2357-710X

Laboratório de Pesquisa e Extensão em Composição Poética Cênica, Narratividade e Construção de Conhecimento (CONAC)
Universidade Federal do Tocantins (UFT)



TEATRO: criação e construção de conhecimento

falantes de língua homônima, pertencentes ao Tronco Linguístico Macro-Jê e Família Linguística Jê (Nimuedajú, 1983; Rodrigues, 1986). O grupo está localizado na região do Bico do Papagaio, em terras homologadas e reconhecidas em 1984⁵. Sua população, num total de 2.498 pessoas (Dsei, 2016), se distribuiu por 24 aldeias (SEDUC, 2016). Segundo Almeida (2015), o Território Apinayé (TI) dista 550 km da capital do Tocantins, Palmas. A estrada até a entrada da TI é asfaltada, mas logo que se avistam as terras Apinajé o asfalto termina, e para se continuar percorre-se estradas de terra, as quais na época das chuvas ficam em péssimo estado, causando transtornos para os indígenas, principalmente na época das chuvas. Na foto, a seguir, podemos testemunhar essa ocorrência.



Imagem 1. Entrada do TI Apinayé. **Fonte:** Almeida (2015, p. 99).

ORIGEM

A origem do povo indígena Apinayé é contada por Nimuedajú ([1937]1983), em narrativa do mito “Origem da Tribo Apinajé”. Todavia, a gênese da criação do indígena como ser humano é contada pelo mito do Sol (Mbud-ti) e da Lua (Mbuduvri-re). Ademais, o grupo mantém um sistema operante que

explica seu universo cosmológico e cultural, por exemplo, mitos, lendas, ritos e cerimoniais que mantêm em evidência, mesmo diante da aculturação a que estão expostos, irremediavelmente (Albuquerque; Almeida, 2019). A aculturação pode ser definida como um processo gradual de modificação cultural de uma pessoa individualmente, de um grupo ou mesmo de um determinado, que ao ser exposto a outra cultura que não a sua, inconscientemente se adapta a esta, ou dela retira traços significativos que apagam a cultura nativa.

Segundo Panoff e Perrin (1973, p. 13) em citação de Santos e Barreto (2006, p. 246), a aculturação designa “[...] fenômenos que resultam da existência de contatos diretos e prolongados entre duas culturas diferentes e que se caracterizam pela modificação ou pela transformação de um ou dos dois tipos culturais em presença”.

Não obstante,

A noção de aculturação associava-se também à de difusão, ou seja, a aquisição e a adoção, por uma sociedade, de um fato cultural característico de outra [...]. Em ambas as noções se encontrava subjacente a concepção de cultura como um sistema fechado, caracterizando unidades que, como sugere a citação de Appadurai no trecho em epígrafe, “provavelmente nunca existiram” (SANTOS, Barreto, 2006, p. 246). (Aspas do texto original).

O contexto intelectual dos anos 1970, 1980 e 1990 traz à luz metáforas forjadas para que se efetivem intensas e extensas mudanças culturais advindas da globalização, fenômeno iniciado ainda no século XIV e impulsionado pela rápida expansão das novas tecnologias, bem como pelas também novas “[...] dinâmicas imigratórias pós-colonialistas, como hibridismos (Bhabha, 1998), processos de hibridação e culturas de fronteiras (García Canclini, 2003) e Terceiras Culturas (Featherstone, 1990)” (Santos; Barreto, 2006,

⁵ As terras Apinayé foram homologadas “[...] em 14 de fevereiro de 1985, pelo Decreto da Presidência da República Nº 90.960. A área de 141.904ha estende-se pelos municípios de Tocantinópolis, Maurilândia, Arguianópolis, São Bento e Cachoeirinha. (ALMEIDA, 2015, p. 97).

MUNIZ, Simara de Sousa; ALBUQUERQUE, Francisco Edviges; ALMEIDA, Severina Alves de. Educação e Arte Apinayé como possibilidade para uma estética decolonial: um estudo na perspectiva da mediação (inter) cultural. *Teatro: criação e construção de conhecimento*, V. 8, N. 1 e 2, p. 141-161, 2020.

Organização de Dossiê: Prof. Dra. Ana Carolina Fialho de Abreu
Editor-Chefe: Prof. Dr. Juliano Casimiro de Camargo Sampaio
ISSN: 2357-710X

Laboratório de Pesquisa e Extensão em Composição Poética Cênica, Narratividade e Construção de Conhecimento (CONAC)
Universidade Federal do Tocantins (UFT)



TEATRO: criação e construção de conhecimento

p. 246), subtendendo-se, nesse sentido, uma compreensão dinâmica e processual de cultura como símbolo, já não mais vista como sistema fechado. Segundo Thomas (1993), símbolos culturais criam relações assimétricas de poder, impõem limitações ideológicas, crenças, normas e outras forças que distribuem os bens culturais de forma desigual.

Importante destacar a fala de um professor Apinayé que diz o seguinte:

Se a cultura do índio não for estudada na escola a cultura do branco vai sempre ser mais importante pois é isso que é ensinado na escola, quando os livros didáticos na língua não tem, e muitas vezes os professores que não são índios só sabem ensinar a cultura do branco, na língua do branco o que é muito ruim para nossa cultura que deve ser ensinada junto com a cultura do branco. Se não for assim a educação vai ser só a do branco (D.W.C.A. professor da escola mãtyk da aldeia São José)⁶ *apud* (Almeida, 2015, p. 203).

ORGANIZAÇÃO SOCIAL: OS KIYÊ E AS METADES KOLTI E KOLRI

Os indígenas são sociedades altamente complexas. Os grupos se organizam socialmente seguindo princípios e orientações cosmológicas e ancestrais delimitadas por funções de subgrupos sociais ou metades (Clãs, Kiyê, Fratrias, Sibs), que os individualizam enquanto grupos étnicos, os quais se dividem em subgrupos, exercendo funções básicas para a existência de grupos cultural e etnicamente distintos dos demais. Nesse contexto, as mulheres exercem funções socioeducativas consideradas fundamentais para a perpetuação dos valores ancestrais e, não obstante, sempre foram motivo de guerras intra ou intertribais. Ademais, nas comunidades crianças, jovens, adultos, anciões e Pajés são de suma importância do

ponto de vista social do grupo, assumindo funções relevantes na sociedade à qual pertencem, e cada qual se reporta a uma unidade social e política, favorecendo a continuidade da tribo (Luciano Baniva, 2006).

Os Apinayé, seguindo a tradição dos demais povos Jê, têm uma sofisticada organização social composta por sistemas que se traduzem por metades cerimoniais e rituais representativo da identidade dos indígenas. É uma sociedade caracterizada por divisões em metades *Uxorilocal* (costume tradicional segundo o qual, após o casamento, os recém-casados se mudam para a casa da esposa ou para a sua localidade), e *Matrilocais* (que diz respeito ao costume, às regras ou aos padrões de casamento, que determinam a morada do novo casal na casa da mulher, ou então junto à sua comunidade de origem), que historicamente tinham sua localização em cada aldeia. Nessa perspectiva, a metade que habitava o lado setentrional do círculo de casas era nomeada *Kolti* (*Kolo-ti* - Sapucaia) ou *Kolre* (*Kolo-re* - Castanha do Pará). A narrativa do mito do Sol e da Lua (Nimuendajú [1937]1983), conta que os *kolti* foram criados pelo sol, enquanto a lua criou os *kolri*. Os *kolti* se caracterizam pelo uso da cor vermelha (tinta de urucum) e os *kolri* pela cor preta (látex vegetal com pó de carvão). Assim, os indígenas apinajé, homem ou mulher pertencem a uma das metades *kolti* ou *kolri*, porém, em virtude do recebimento de dois grupos de nomes, um indígena pode pertencer a duas metades simultaneamente (Nimuendajú [1937]1983, Da Matta, 1976), Albuquerque, 2007, Albuquerque e Almeida, 2019).

NOME

O nome Apinayé segundo Nimuendajú, ([1937]1983), foi citado pela primeira vez por Souza Villa Real, em 1793, como Pinarés e Pinagés. Mais tarde prevalece a forma Apinayé. Posteriormente, Fr. Rafael Tuggia o

⁶ Excerto extraído do Diário de Campo da pesquisadora em vista à Aldeia São José no dia 20 de setembro de 2013.



TEATRO: criação e construção de conhecimento

designa como upinagees, sendo que nos anos 1930 esses indígenas se autodenominavam Apinayé. “[...] Não tenho nenhuma explicação para esse nome. O sufixo pessoal ‘Yê’, dos dialetos dos Timbira Orientais soa como próprio Apinayé, ‘Ya’. O nome foi-lhe outorgado provavelmente por aqueles e não por ser autodenominação da tribo” (Nimuendajù, [1937]1983, p. 8). Segundo Albuquerque (2007), além do nome tribal Apinayé, existem outros, não somente na própria comunidade, mas entre os Timbira Orientais, derivados da palavra que significa “Canto” ou “Pontal”. Apinayé: ôd, ôdo; Timbira Oriental: hot, hôto, referindo-se à sede no pontal formado pelos rios Araguaia e Tocantins.

HISTÓRICO DO CONTATO E SITUAÇÃO ATUAL

A situação de contato dos Apinayé com a sociedade confunde-se com a própria história do Brasil. Segundo Albuquerque (2007), o processo iniciou-se com a ocupação do sertão nordestino e as práticas de navegação do Rio Tocantins, adentrando pelo sertão do Maranhão, da Bahia e do Piauí e com a cultura da criação extensiva de gado que servia para alimentar as populações dos engenhos litorâneos. De forma predatória, os latifundiários fazendeiros avançavam pelos sertões até chegar a Goiás, onde mente está o estado do Tocantins, na região onde habitavam os Apinayé. Num curto espaço de tempo, essa integração transformou-se na dependência dos indígenas pelo modo de vida da sociedade não indígena, resultado da investida de fazendeiros e madeireiros assim como da construção de hidrelétricas, tal qual a Usina Hidrelétrica de Estreito (UHE) construída na divisa dos estados do Tocantins e do Maranhão, erguida no leito Rio Tocantins, trazendo consequências dramáticas para o cotidiano da vida nas aldeias (Albuquerque; Almeida, 2020).

Com efeito, atualmente a vida no cotidiano das aldeias alterna-se entre as

obrigações com marcas indelévels de sua cultura, por exemplo, cultivo de uma agricultura de subsistência, prática de rituais que herdaram de seus ancestrais, tais como casamento (troca de comidas, choro cerimonial, busca e acompanhamento dos novos em casa pelos cunhados), o “Meôkrepôxrunhti” a história de um guerreiro; o “Pàrkapêr”, quando se pratica a “Corrida da Tora Grande”, o “Corte de Cabelo”, as “Cantorias” e alguns tipos de comida (por exemplo, o bolo paparuto)⁷; festas “do maribondo, do milho, da batata doce, dos mortos, de São José, festa em comemoração ao dia do índio e a Tinguizada”⁸. Além desses, “[...] praticam pinturas corporais, contam histórias, confeccionam artesanatos como: flechas, arcos, pulseiras, cocá, brincos, colares, cintos e bolsas de diversos tipos, materiais para decoração, suporte para panela, abanos, esteiras que servem como portas e também para dormir”. Dedicam-se, também, à educação indígena, educação escolar indígena e algumas atribuições específicas quando alguns indígenas são lotados nas escolas e posto de saúde das aldeias. A seguir, apresentamos fotos que corroboram essas afirmações.

⁷ “O Papparuto é uma comida típica dos indígenas Apinayé e Krahô. Primeiro rala-se a macaxeira (aipim) ou a mandioca-brava. Depois coloca folhas de bananeira no chão, no formato de uma cruz e espalha a massa. Pedacos de carne são colocados em cima da massa e depois cobertos com mais mandioca.” Fonte: <http://www.kimage.com.br>. Acesso: 02-set-2015, em citação de Almeida (2015, p. 121).

⁸ “A ‘Tinguizada’ é uma pesca coletiva realizada na estação seca em pequenos ribeirões com o uso do tinguí (planta tóxica que diminui o nível de oxigênio da água deixando os peixes ‘bêbados’).” Fonte: <http://pib.socioambiental.org/pt/povo/apinaye/65>. Acesso: 14-nov-2015, em citação de Almeida (2015, p. 121).



TEATRO: criação e construção de conhecimento



Imagem 2. Corrida da Tora Grande. **Fonte:** Almeida (2015, p. 123).



Imagem 3. Cantoria e dança. **Fonte:** Almeida (2015, p. 125).



Imagem 4. Mulheres Apinayé preparando o *Xwÿkupu* (Bolo Paparuto) para o *Meôkrepôxrunhti*. **Fonte:** Almeida (2015, p. 126).

Como se percebe, a arte praticada pelos Apinayé é um aspecto muito representativo da cultura indígena ainda nos dias de hoje. Em relação à educação, o grupo valoriza muito as escolas instaladas nas suas aldeias, entretanto, não abem mão da educação indígena, aquela que ocorre fora da escola, e acontece primeiramente na infância, pois as crianças só vão à escola após os seis anos de idade. É uma educação repleta de significados, quando recebem os

ensinamentos da mãe e dos mais velhos, com uma divisão clara em relação às atribuições das meninas e dos meninos. Salientamos que as crianças são monolíngues em sua língua materna, e só ao iniciar a educação escolar é que iniciam a aprendizagem da língua portuguesa. Os Apinayé de todas as aldeias são bilíngues em apinayé-português, resultado da situação de contato com os não indígenas. De acordo com Silva e Pinho (2015, p. 7) “[...] ao longo dos anos de contato com a sociedade majoritária, os Apinayé vêm tentando manter-se enquanto povo minoritário, enfrentando conflitos tanto de ordem social quanto linguística, religiosa e cultural”.

Todavia, mesmo vivenciando uma situação de contato que vai de encontro aos seus interesses, os indígenas se esforçam no sentido de preservação o modo de vida herdado de seus ancestrais, que se manifesta em atividades culturais próprias, além da língua materna, apinayé, que se mantém viva. Porém, apesar de ocupar uma área territorial própria, o grupo relaciona-se com a sociedade de seu entorno não livre de conflitos, devido a problemas, à ação de madeireiros, intimidação de fazendeiros e recorrente invasão dos moradores da região, fazendo dos limites territoriais das aldeias depósitos de lixo a céu aberto (Albuquerque; Almeida, 2020). A foto a seguir ilustra essa situação.



Imagem 5. Lixão nos limites da TI Apinajé. **Fonte:** Almeida (2015, p. 135).

Atualmente os Apinayé revelam uma conscientização socioambiental que contribui

MUNIZ, Simara de Sousa; ALBUQUERQUE, Francisco Edviges; ALMEIDA, Severina Alves de. Educação e Arte Apinayé como possibilidade para uma estética decolonial: um estudo na perspectiva da mediação (inter) cultural. *Teatro: criação e construção de conhecimento*, V. 8, N. 1 e 2, p. 141-161, 2020.

Organização de Dossiê: Prof. Dra. Ana Carolina Fialho de Abreu
Editor-Chefe: Prof. Dr. Juliano Casimiro de Camargo Sampaio
ISSN: 2357-710X

Laboratório de Pesquisa e Extensão em Composição Poética Cênica, Narratividade e Construção de Conhecimento (CONAC)
Universidade Federal do Tocantins (UFT)



TEATRO: criação e construção de conhecimento

para a preservação de seu território. Ao se depararem com bolsões de lixo nos limites de suas terras, unem-se em ação coletiva para limpar, atestando sua condição de pacificadores que só vão ao confronto em última instância e ao se sentirem agredidos. É recorrente o grupo se organizar, formando frentes de ação, como é o caso da não aceitação de agrotóxicos em suas lavouras, da Brigada anti-incêndio e dos mutirões para a retirada do lixo que em seu entorno é depositado. Nesse sentido, retomamos Roberto da Matta (1976, p. 10) refletindo sobre sua afirmação, ou seja, que no caso dos Apinajé é importante saber que existe uma posição onde o “conhecer” e o “defender” estão em plena sintonia, “como um momento simultâneo e não como dois estágios separados e antagônicos”, como sempre tem sido colocado. Não obstante, o ponto de partida, deve-se notar bem, não é aquele que assume a defesa do índio como parte de um “movimento semifilantrópico”, que apresenta o índio como “bom, inocente, puro e infantil”, mas porque esse índio, “como homem verdadeiro que é desenvolveu um conjunto original de soluções para uma série de problemas” comuns a toda a humanidade (Almeida, 2015, p. 138).

Para concluir, apresentamos a foto a seguir, a qual é reveladora do cuidado dos Apinajé com a natureza.



Imagem 6. Pátio da aldeia Mariazinha na primavera: a Natureza cuidada generosamente agradece com “pixôrajaja, flores”. **Fonte:** Almeida (2015, p. 138).

DECOLONIALIDADE E ESTÉTICA DECOLONIAL: POR UMA EDUCAÇÃO INTERCULTURAL

O colonialismo foi devastador em relação aos indígenas, que em 1.500 eram estimados entre cinco e dez milhões de pessoas falantes de aproximadamente 1.300 línguas (Ribeiro, 1995; 1996; Melatti, 1993; Rodrigues, 1986; Gomes, 2012). Todavia, em função da exploração predatória que os colonizadores praticaram que aqui chegaram a partir do século XV, incontáveis povos foram dizimados por guerras e doenças trazidas pelos invasores. Indefesos e vulneráveis, tanto em função de suas composições biológicas quanto cultural, os indígenas brasileiros foram simplesmente desaparecendo. Atualmente são cerca de 300 povos, somado 896.917 pessoas. Destas, 324.834 vivem em cidades e 572.083 estão em áreas rurais, o que corresponde aproximadamente a 0,47% da população total do País (Almeida, 2015, Albuquerque; Almeida, 2019).

DECOLONIALIDADE E ESTÉTICA DECOLONIAL

Para refletirmos acerca da decolonialidade e de uma estética decolonial é importante retomar alguns conceitos de cultura, e para tanto recorreremos a Guattari e Rolnik (2006), que apresentam cultura como uma categoria reacionária, vista mesmo como uma matriz de poder epistemológico colonial, abstraído atividades semióticas das realidades políticas mediante separações, cisões, segregações e *apartheid*.

Não obstante,

[...] Iniciando-se como forma de justificar o cultivo da mente por parte da burguesia européia e como meio de se livrar da rigidez hierárquica da nobreza, a cultura era vista como fruto de trabalho e conhecimento, dando espaço para uma separação entre pessoas (ou classes) com ou sem cultura. Posteriormente, a ideia de que todos têm cultura é desenvolvida

MUNIZ, Simara de Sousa; ALBUQUERQUE, Francisco Edviges; ALMEIDA, Severina Alves de. Educação e Arte Apinajé como possibilidade para uma estética decolonial: um estudo na perspectiva da mediação (inter) cultural. *Teatro: criação e construção de conhecimento*, V. 8, N. 1 e 2, p. 141-161, 2020.

Organização de Dossiê: Prof. Dra. Ana Carolina Fialho de Abreu
Editor-Chefe: Prof. Dr. Juliano Casimiro de Camargo Sampaio
ISSN: 2357-710X

Laboratório de Pesquisa e Extensão em Composição Poética Cênica, Narratividade e Construção de Conhecimento (CONAC)
Universidade Federal do Tocantins (UFT)



igualmente como forma de dominação colonial etnocêntrica: atividades de semiotização complexas e heterogêneas são classificadas de acordo com os manuais da antropologia cultural, categorizando uma mente “primitiva” a partir de segmentações da mente “moderna”, empobrecendo as dinâmicas integradas de suas relações sociais e tecnológicas. Nossos dias, caracterizados pela cultura de massas e pela racionalização de mercados e instituições, carregam a ideia de cultura enquanto sistema onde se equiparam pessoas, valores, mercadorias e bens culturais como forma de dominação e controle da subjetividade, já chamado de “imperialismo cultural” e “cultura de massas” (Oliveira, 2013, p. 118). (Aspas do texto original).

É conveniente lembrar Cuche (1999) que apresenta a cultura como categoria hierarquizada pelas relações de poder entre uma cultura dominante frente às demais culturas de minorias étnicas socialmente excluídas. Em nossas pesquisas nas aldeias indígenas Apinayé constatamos o que nos fala Cuche. A cultura indígena sufocada pela cultura não indígena, numa relação assimétrica que se traduz em dominação, invisibilidade a apagamento das formas de vida que identificam esse povo.

Fazendo um contraponto ao que foi dito, (Oliveira, 2013) apresenta uma ideia de estética no âmbito dos seus componentes coloniais, argumentando que esta é a forma mais adequada para que se possam compreender certas maneiras de se fazer artes cotidianas relacionadas a expressões americanas.

[...] Se observamos sob uma determinada perspectiva baseada no olhar, na imagem, na sensibilidade e na combinação de sentidos, veremos que a história colonial da América não só contribui para a formulação, durante o século XVIII, da noção moderna-colonial de estética, como nos permite também traçar linhas partindo daquele estranhamento inicial do primeiro contato e da colonização, de um *campus confusionis* marcado pelo desconhecido e pelo maravilhoso, onde o visão

européia “forçava o estranho a se tornar familiar” (Kupperman, 1995, citado por Oliveira, 2013, p. 118). (Aspas do texto original).

Nesse sentido, estética decolonial e decolonialidade se intercambiam num espaço intersubjetivo e gravitacional das intencionalidades no interior dos discursos socioculturais, constituídos e constituintes da realidade como ela é. Os discursos socioculturais se constituem em interação, afetados pelo contexto histórico, social e ideológico da construção dos sentidos.

DECOLONIAL, DECOLONIALIDADE

Estudiosos, por exemplo, Palermo (2009), Mignolo (2015) e Alcântara (2018), argumentam com propriedade, que atualmente abordagens decoloniais assumem uma relevância incontornável, notadamente nos estudos das artes, da educação, das letras e mais veementemente, no campo das ciências humanas como um todo.

Ao partir de um novo olhar epistemológico, o decolonial não apenas reivindica posições pós-coloniais para os problemas que afligem o mundo contemporâneo, mas também, ao fazer isso, evidencia inseparavelmente sua implicação direta com a edificação violenta de um padrão de poder instaurado com o colonialismo moderno. Em vista disso, observa-se a crescente expansão de estudos que procuram dar visibilidade e protagonismo a vozes excluídas, marginalizadas e, sobretudo, colocadas (não de forma ingênua) histórica e politicamente em bordas hierarquicamente arranjadas para que determinados grupos possam falar em detrimento de outros (Alcântara, 2018, s/p).

Interpretando as argumentações de Alcântara (2018) é possível entender o colonialismo na perspectiva da soberania de um povo sobre outro, ou de uma nação sobre a outra, catalisando os efeitos e a problemática da colonialidade, da subalternização construída conscientemente,

MUNIZ, Simara de Sousa; ALBUQUERQUE, Francisco Edviges; ALMEIDA, Severina Alves de. Educação e Arte Apinayé como possibilidade para uma estética decolonial: um estudo na perspectiva da mediação (inter) cultural. *Teatro: criação e construção de conhecimento*, V. 8, N. 1 e 2, p. 141-161, 2020.

Organização de Dossiê: Prof. Dra. Ana Carolina Fialho de Abreu
Editor-Chefe: Prof. Dr. Juliano Casimiro de Camargo Sampaio
ISSN: 2357-710X

Laboratório de Pesquisa e Extensão em Composição Poética Cênica, Narratividade e Construção de Conhecimento (CONAC)
Universidade Federal do Tocantins (UFT)



da contemplação de uma invisibilidade edificada na negação do outro, da desvalorização do que de humano em nós, da negação e, no limite, do rechaço ao outro, ao não eurocêntrico e a qualquer forma de empatia ou alteridade.

Muito emblemática a afirmação de Alcântara:

As vozes decoloniais emergem, com efeito, não dos centros hegemônicos, mas dos limites, das periferias, “atacando” os saberes/poderes historicamente instituídos pelo longo curso de imposição colonial de que todos nós fomos e somos atores. Trata-se, de um lado, da luta pelo reconhecimento e reconfiguração geopolítica de outros saberes, outros conhecimentos e outras práticas, distanciando-se daquelas tomadas há muito tempo como verdadeiras; e, de outro, das lutas concretas direcionadas à construção de um ethos que possa ser sustentado por outras bases: pela legitimação cultural, pelo fortalecimento de uma racionalidade contra hegemônica, pela produção teórica (e, por isso, política), de narrativas crivadas pelo jugo da responsabilização (Alcântara, 2018, s/p).

O que a autora está colocando em discussão evidencia um cenário contemporâneo onde as teorizações, a educação, a ética, a estética e as poéticas artísticas não são indiferentes às questões destacadas na citação acima, mas, antes, têm (re)produzido no cerne da criação da pedagogia e do pensamento sistêmicos rupturas e cisões atribuídas à decolonialidade. Nesse sentido, não é o caso de uma simples permuta do “colonial” pelo “decolonial”, mas, sobretudo, de um movimento contínuo e dinâmico, reposicionando-se, e garantindo a multiplicidade, ou heterogeneidade das práticas socioculturais que se proliferam na contemporaneidade, nos mais variados e vastos campos de estudos que emergem nas áreas das artes, da educação, das letras, dentre outras (Alcântara, 2018).

O pensamento decolonial vem à tona a partir dos trabalhos de Walter Dignolo com a mesma conotação do vocábulo “decolonial”, e visa a diferenciar os propósitos do Grupo Modernidade-Colonialidade e da luta por descolonização do pós-guerra fria, e também os estudos pós-coloniais asiáticos (Rosevics, 2017). Reis e Andrade (2018) contribuem estabelecendo diferenças entre os termos pós-colonial e decolonial. Partindo do sentido etimológico do termo “decolonialidade”, os autores elaboraram uma conceituação do vocábulo “pós-colonial”, argumentando que:

[...] os pensamentos pós-colonial e decolonial constituem projetos que estão sendo construídos à medida que as relações sócio-históricas acontecem no âmago da sociedade moderna. Assim, o pensamento pós-colonial articula-se na perspectiva de demonstrar as dessemelhanças antagônicas existentes entre colonizador e colonizado, denunciando essa discrepância como um projeto de domínio e opressão (Reis; Andrade, 2018, p. 3).

Recorrendo aos estudos de Larissa Rosevics, Reis e Andrade entendem o projeto pós-colonial como aquele que identifica a relação antagônica entre colonizador e colonizado, denunciando as mais variadas formas de dominação e opressão de povos estigmatizados. Nesse sentido,

[...] Como uma escola de pensamento, o pós-colonialismo não tem uma matriz teórica única, sendo associado aos trabalhos de teóricos como Franz (sic) Fanon, Albert Memmi, Aimé Césaire, Edward Said, Stuart Hall e ao Grupo de Estudos Subalternos, criado na década de 1970 pelo indiano Ranajit Guha [...] (Reis; Andrade, 2018, pp. 3-4).

Com efeito, esses autores argumentam que o pensamento decolonial reflete-se sobre a colonização como um expressivo, lento e prolongado evento, caracterizado por rupturas que precisam de ser superadas, uma vez que o que se busca não é desfazer o colonial ou revertê-lo, superando o colonial

MUNIZ, Simara de Sousa; ALBUQUERQUE, Francisco Edviges; ALMEIDA, Severina Alves de. Educação e Arte Apinayé como possibilidade para uma estética decolonial: um estudo na perspectiva da mediação (inter) cultural. *Teatro: criação e construção de conhecimento*, V. 8, N. 1 e 2, p. 141-161, 2020.

Organização de Dossiê: Prof. Dra. Ana Carolina Fialho de Abreu
Editor-Chefe: Prof. Dr. Juliano Casimiro de Camargo Sampaio
ISSN: 2357-710X

Laboratório de Pesquisa e Extensão em Composição Poética Cênica, Narratividade e Construção de Conhecimento (CONAC)
Universidade Federal do Tocantins (UFT)



TEATRO: criação e construção de conhecimento

pelo pós-colonial. Intencionalmente, o que se busca, é provocar um posicionamento contínuo de transgredir e insurgir, ou seja, decolonial implica, assim, uma luta contínua pelo reconhecimento do “outro” como substrato de nossa humanidade. (REIS, ANDRADE, 2018).

Segundo Freitas (2019):

[...] O pensamento decolonial tem como utopia a libertação de todas as formas de dominação [...] como a de gênero e a advinda da exploração capitalista. Sua categoria principal, contudo, é “raça” [...] vista como o fundamento da instalação de uma relação de poder que torna as diferenças entre os povos justificativas para uma relação de exploração e dominação que se inicia no século XVI. Busca-se superar a perspectiva evolucionista, unilinear e dual que coloca de um lado o europeu branco, como superior e, do outro, o não-branco submetido a uma alteridade negativa que encobre e sufoca seu potencial existencial. A estrutura racializadora é objeto de análises profundas que acompanham suas origens e denunciam como ajudaram a conformar um padrão de poder violento que, a despeito de suas mudanças, ainda é ativo (Freitas, 2019, p. 92). (Aspas do texto original).

Com muita lucidez, Freitas defende tese de que:

[...] a história é praticada não como alguém que contabiliza os “fatos” e ideias ou toma nota dos acontecimentos e das importantes figuras visando enaltecer uma nação ou uma instituição como a ciência. Não existe história como súplica de verdades. As histórias que os pensadores decoloniais buscam retratar são as dos que quedaram fora ou integraram de forma “subalterna” os processos políticos, as mudanças sociais e os “eventos” enquadrados pelos narradores profissionais em seus livros. Em relação a esses últimos, interessa saber menos do conteúdo de suas monografias do que os “regimes de verdade” que habitam e o poder que ajudam a reafirmar ao interpretar a realidade segundo os interesses dos poderosos, dos colonizadores externos ou

internos (Freitas, 2019, p. 92). (Aspas do texto original).

Freitas (2019) lembra-nos que é preciso identificar uma pareia que existe entre a afinidade eletiva do pensamento decolonial e o pragmatismo, como pensamentos que visam ao bem-viver, no caso do pragmatismo, e a libertação no caso do pensamento decolonial, o que não deixa de ser uma forma específica de “bem-viver”, respeitando a alteridade absoluta dos “nossos outros”. Segundo Freitas (2019), o pragmatismo possivelmente veio à tona num contexto pós-colonial, nos Estados Unidos da América USA, disseminando-se em larga escala como força resultante de uma nova comunidade de intelectuais protestantes, os quais buscavam afirmar a autonomia da América em relação à Europa. Esse mesmo autor assegura que a ênfase deve prevalecer no caráter subjetivo, dinâmico e emergente da prática intelectual, que podem ser interpretados na perspectiva de uma saída da metafísica cristã tradicional e do racionalismo e empirismo cartesiano (Freitas, 2019).

ESTÉTICA DECOLONIAL

Historicamente, na colonialidade do espaço e do tempo, processo que se instaurou nos países invadidos no final de século XV, as artes plásticas são consideradas as únicas artes verdadeiras, padronizadas pela estética da beleza a partir de critérios próprios, mas é no século XVIII na época das luzes conhecida como Iluminismo, que as artes plásticas passam a ser consideradas as “Belas Artes” Esse conceito se consolida quando a classificação de Belo passa a ser aceita quase que por unanimidade, mas com algumas ressalvas: as três artes visuais, arquitetura, pintura e escultura, além de poesia e da música. Os dois lugares restantes eram ocupados alternadamente por retórica, dança, teatro e jardinagem (Tatarkiewicz, 2001, citado por Gómez, 2019)⁹.

⁹ Texto original em espanhol.



TEATRO: criação e construção de conhecimento

As artes "bonitas" começaram a ser consideradas as únicas artes verdadeiras, enquanto o artesanato e as artes mecânicas passaram a ocupar um espaço menor na classificação das atividades humanas. O Iluminismo, além da classificação das artes, fez um índice completo da produtividade humana. Voltando a uma idéia antiga de Aristóteles, as atividades humanas foram divididas em cognição, ação e produção. Nesta classificação, arte e beleza são de grande importância, pois as artes plásticas, juntamente com o conhecimento e a moralidade, tornam visível apenas parte da elaboração (da poiesis) em produtos chamados obras de arte. Essa visibilidade das artes plásticas ocultava, ao mesmo tempo, a ampla e diversificada produção de quem trabalha nas artes e ofícios mecânicos (Gómes, 2019, pp. 371-372) (Aspas do texto original)¹⁰.

Não obstante, em suas argumentações Gómez (2019) sugere que isso ocorria no centro da Europa e o que se entendia por artes, silenciando e tornado invisível a maioria dos artefatos culturais não ocidentais, que não satisfaziam inteiramente o gosto considerado "bom", e "refinado" dos europeus intelectuais esclarecidos, uma vez que as manifestações estéticas fora do continente europeu escandalizavam seu intelecto e suas sensibilidades, e a partir daí se instaurou o chauvinismo estético da Europa transformando, em poucas décadas, em universalismo hegemônico¹¹.

Nesse sentido, recorremos a Walter Mignolo (2018)¹² quando afirma que a estética colonial pode ser conceituada como um projeto coletivo multifacetado, aglutinando modernidade, colonialidade e decolonialidade, resultado de ações conjuntas. Segundo esse autor, o termo foi criado por Adolfo Alban Achinte no ano de

2003 em seus estudos de doutoramento, e surgiu das discussões acerca da matriz de poder colonial, respondendo ao seguinte questionamento: qual o lugar da estética na matriz colonial?

Falamos sobre colonialidade do saber e do ser, colonialidade política e econômica, da religião que aprisiona a espiritualidade, colonialidade de gênero e da sexualidade, da etnicidade (de onde o racismo emergiu). Mas ainda não havíamos tocado na estética e a razão para isso era que até aquele momento nenhum de nós éramos artistas, historiadores da arte ou críticos de arte. Exceto Adolfo, artista e ativista do Pacífico colombiano, um afro-colombiano (Mignolo, 2018, s/p).

O pensamento de Mignolo, muito atual, nos faz refletir sobre uma colonialidade que é atemporal e encontra nos dias atuais, impactados por retrocessos em todas as estruturas sociais, o cenário ideal para se perpetuar. Nesse sentido, as relações intersubjetivas são colocadas em confronto, quando os sujeitos, suas etnicidades e identidades não são somente combatidas, como negadas. Tudo isso num cenário perverso que desconsidera o "Ser" em seu mais elementar característica, a sociabilidade.

INTERCULTURALIDADE, EDUCAÇÃO, INTERCULTURAL E MEDIAÇÃO (INTER)CULTURAL

Interculturalidade e Educação Intercultural

O Brasil se constitui historicamente como uma sociedade multiétnica tomando-se por base uma grande diversidade de culturas. O termo Interculturalidade, de acordo com o dicionário Aurélio (1999), é uma palavra derivada de cultural, intercultural, ou seja, um meio de experimentar a cultura de outro indivíduo através da convivência democrática entre diferentes grupos e culturas.

¹⁰ Texto original em espanhol.

¹¹ Texto original em espanhol.

¹² Entrevista concedida a Aicha Diallo em 8 mar, 2018. Disponível: mlatina.contemporaryand.com/pt/editorial. Acesso em: 01-jun-2020.



Para melhorar a compreensão do que significa intercultura, recorreremos a Fleuri (2003) ao afirmar que:

A intercultura refere-se a um complexo campo de debate entre as variadas concepções e propostas que enfrentam a questão da relação entre processos identitários socioculturais diferentes, focalizando especificamente a possibilidade de respeitar as diferenças e de integrá-las em uma unidade que não as anule. A intercultura vem se configurando como uma nova perspectiva epistemológica, ao mesmo tempo é um objeto de estudo interdisciplinar e transversal, no sentido de tematizar e teorizar a complexidade (para além da pluralidade ou da diversidade) e a ambivalência ou o hibridismo (para além da reciprocidade ou da evolução linear) dos processos de elaboração de significados nas relações intergrupais e intersubjetivas, constituídas de campos identitários em termos de etnias, de gerações, de gênero, de ação social (Fleuri, 2003, p. 17).

O próprio conceito de intercultura já apresenta a complexidade que é tratar deste assunto. Falar de etnia, raça, cor, gênero, dentre outros, são temas que atuam nas subjetividades, mudando nosso modo de ver o mundo, exigindo que nos livremos de nossos preconceitos e abrindo caminho para a compreensão das diferenças e aceitação das identidades culturais de cada povo. A interculturalidade na educação se nos apresenta como uma proposta pedagógica que busca desenvolver relações de cooperação, respeito e aceitação, entre diferentes culturas e sujeitos diversos, visando dessa forma, a preservar as identidades culturais, com o objetivo de propiciar a troca de experiências e compreensão mútuas (Candau, 2012).

Com efeito, a educação intercultural percorre uma trajetória original e plural nos países de todos os continentes. Nesse sentido, a educação escolar indígena é concebida no âmbito da educação intercultural e vista como um elemento fundamental na construção de sistemas educativos e sociedades que se comprometem com a

construção democrática, a equidade e o reconhecimento dos diferentes grupos socioculturais que os integram (Candau, 2012). Para essa autora, é fundamental desvelar e questionar os sentidos de igualdade e diferença que permeiam os discursos educativos. “[...] Outro aspecto imprescindível é problematizar o caráter monocultural e o etnocentrismo que, explícita ou implicitamente, estão presentes na escola e impregnam os currículos escolares” (Candau, 2012, p. 246).

Nessa perspectiva, a educação intercultural necessita urgentemente da revisão dos conteúdos e das formas do aprendizado, os quais devem visar aos aspectos da multiculturalidade, buscando superar os preconceitos e discriminações. É preciso criar a consciência de que pluralidade é vivenciada, ensina-se e aprende-se. É, pois, um trabalho de construção permanente.

É necessário discutir sobre a função social da escola para que se torne possível considerar e praticar alternativas educacionais emancipatórias, proporcionando uma reflexão sobre o sistema escolar, o currículo, o material didático e a formação de professores. De qualquer modo, a educação deve basear-se numa boa disposição, tolerância e reciprocidade em relação ao outro.

Nessa perspectiva, surge a figura do mediador intercultural, alguém que deve ter habilidades necessárias para facilitar o diálogo da mediação em diferentes âmbitos, priorizando uma proximidade com as culturas em interação. Assim, o mediador intercultural, dada à especificidade que o fator cultural exige, deve estar munido de pressupostos teóricos e práticos acerca da função de um de mediador. Nesse sentido, algumas considerações devem ser acrescidas aos princípios que envolvem essa personagem e para isso recorreremos a Silva (2010) que assim se manifesta:

MUNIZ, Simara de Sousa; ALBUQUERQUE, Francisco Edviges; ALMEIDA, Severina Alves de. Educação e Arte Apinayé como possibilidade para uma estética decolonial: um estudo na perspectiva da mediação (inter) cultural. *Teatro: criação e construção de conhecimento*, V. 8, N. 1 e 2, p. 141-161, 2020.

Organização de Dossiê: Prof. Dra. Ana Carolina Fialho de Abreu
Editor-Chefe: Prof. Dr. Juliano Casimiro de Camargo Sampaio
ISSN: 2357-710X



Quando se trata de mediação em geral, temos que o mediador deve estar capacitado para a tarefa que se propõe a fazer, com base no Princípio da Competência do Mediador. Assim, ele deve apresentar determinadas características que o ajudarão a desenvolver sua atividade. Alguns autores delinham o perfil de uma pessoa que estaria apta a atuar como mediador, como sendo uma característica pessoal, outros defendem a possibilidade de trabalhar esses aspectos (sensibilidade, compreensão, disponibilidade para o diálogo e para a escuta, entre outros) em qualquer pessoa. Há discussão, inclusive acerca da necessidade de formação acadêmica do mediador e qual seria o profissional "ideal" para atuar como facilitador do diálogo na mediação (advindo do Direito, da Sociologia, da Pedagogia, da linguística, da Psicologia, do Serviço Social) (Silva, 2010, p. 45).

Alguns autores, dentre estes Silva (2010), defendem a necessidade de o mediador intercultural conhecer não somente as línguas, se diferentes, das pessoas culturalmente distintas que se encontram em conflito, mas considerável parte da bagagem cultural (aspectos não verbais, hábitos, crenças) delas. Também é importante que o mediador não estabeleça estereótipos culturais, atribuindo características pessoais a um povo em geral. Assim, é necessário considerar que cada pessoa tem traços próprios que a individualizam dentro de um grupo, e que, no caso da mediação, são estes os elementos que devem ser levados em consideração

Dessa forma, mais importante do que dominar toda essa variedade cultural é desenvolver e aperfeiçoar as técnicas de facilitação do diálogo. Utilizando de suas habilidades, o mediador pode fazer com que as próprias pessoas envolvidas descubram e trabalhem com esses elementos culturais.

Mediação (Inter)Cultural

Um conceito de Mediação (Inter)cultural está circunscrito na valorização da

compreensão e do caráter multicultural da sociedade contemporânea, a partir do trabalho social entre culturas e grupos sociais diversos (Edportugal, 2018). O mediador, nesse contexto, é alguém que está entre dois (ou mais) sistemas culturais diferenciados ou no âmbito de diferentes lógicas de atuação, considerando uma mesma situação, dentro de formas de percepção e entendimento do mundo social não partilhado pelos diversos atores sociais em interação (Casa-nova, 2016).

Não obstante,

[...] Dentro de qualquer sistema cultural, quando duas pessoas estão em diálogo, considero que não estão duas, mas quatro. E este número tem a ver, não com as pessoas na sua dimensão física, material, mas com as pessoas na sua dimensão interpretativa, enquanto seres portadores de esquemas de percepção do mundo social que são diferenciados devido à estruturação mental em valores e normas condicionadores da ação, maioritariamente incorporados nos processos de socialização nos diferentes grupos de pertença (Casa-nova, 2016, p. 1-2).

Ainda de acordo com Casa-nova (2016), no interior de todo e de qualquer sistema cultural, marcado pelo diálogo entre duas ou mais pessoas, cada uma dessas não deve ser considerada somente na sua dimensão física e material, mas como seres humanos individuais e individualizados, na dimensão interpretativa e em sua característica uma de seres "[...] portadores de esquemas de percepção do mundo social que são diferenciados devido à estruturação mental em valores e normas condicionadores da ação, maioritariamente incorporados nos processos de socialização nos diferentes grupos de pertença" (Casa-nova, 2016, p. 2).

EDUCAÇÃO E ARTE INDÍGENAS APINAYÉ: CONTRIBUIÇÕES PAR UMA ESTÉTICA DECOLONIAL

MUNIZ, Simara de Sousa; ALBUQUERQUE, Francisco Edviges; ALMEIDA, Severina Alves de. Educação e Arte Apinayé como possibilidade para uma estética decolonial: um estudo na perspectiva da mediação (inter) cultural. *Teatro: criação e construção de conhecimento*, V. 8, N. 1 e 2, p. 141-161, 2020.

Organização de Dossiê: Prof. Dra. Ana Carolina Fialho de Abreu
Editor-Chefe: Prof. Dr. Juliano Casimiro de Camargo Sampaio
ISSN: 2357-710X

Laboratório de Pesquisa e Extensão em Composição Poética Cênica, Narratividade e Construção de Conhecimento (CONAC)
Universidade Federal do Tocantins (UFT)



TEATRO: criação e construção de conhecimento

Considerando os conceitos de estética decolonial que apresentamos, passamos a discutir educação e arte indígenas apinayé, apresentando um contraponto que possibilita identificar contribuições em evidência. Nesse sentido, descrevemos como se efetivam a educação e a arte nas escolas e no cotidiano desse povo.

A educação dos indígenas Apinayé se desenvolve em duas categorias: Educação Indígena e Educação Escolar. A primeira se efetiva nas comunidades, mediatizadas pela família e pelos líderes e anciões, quando ensinam às crianças os saberes tradicionais do grupo, considerando as atribuições no âmbito das meninas e dos meninos. Essa separação também se reflete no ensino, pois a aprendizagem, considerando o gênero de cada criança. O que um menino aprende necessariamente não é o mesmo que uma menina deve aprender. Porém, a partir da introdução das crianças na escola, a partir dos seis anos de idade, e nos anos que se seguem, os indígenas poderão optar por uma profissão, considerando as políticas de inclusão que se iniciaram no início do século XXI.

Na educação indígena, os Apinajé buscam passar para suas crianças e jovens, os aspectos de sua cultura que é rica e expressiva. Segundo Albuquerque e Almeida (2019, p. 161):

[...] Atualmente o grupo se esforça para manter vivos ritos, mitos e festas tradicionais, por exemplo: corrida da tora, corte de cabelo, cantorias e alguns tipos de comida; festas: do maribondo, do casamento, do milho, da batata doce, dos mortos e comemoração ao dia do Índio. Também realizam pinturas corporais, contam histórias e fazem o *Xw̃kupu*, bolo Paparuto [...]. (destaque em itálico do texto original).

Também está no horizonte da aprendizagem dos Apinajé a “*gôm hahêk hã mēhkînh*” (festa da tinguizada), atividade de

pesca coletiva que os indígenas praticam na estação da seca, coletiva ou individualmente em rios e ribeirões, com o uso do tinguí (planta tóxica que adormece os peixes). Também aprendem a fabricar artesanatos como: flechas, arcos, pulseiras, cocá, brincos, colares, cintos e bolsas de diversos tipos. Além de materiais para decoração de interiores, suportes para panela, abanos, esteiras que servem como portas e também como artefato para dormir e a pintura corporal, elemento repleto de significados que traduzem a identidade dos indígenas enquanto grupo étnico. Esta aprendizagem é estendida aos indígenas de ambos os sexos e de todas as idades, conforme as fotos a seguir.



Imagem 7: Pintura corporal e adereços. **Fonte:** Almeida (2015, p. 181).



Imagem 8: Oficina prática de artesanato. **Fonte:** Almeida (2015, p. 129).

MUNIZ, Simara de Sousa; ALBUQUERQUE, Francisco Edviges; ALMEIDA, Severina Alves de. Educação e Arte Apinayé como possibilidade para uma estética decolonial: um estudo na perspectiva da mediação (inter) cultural. *Teatro: criação e construção de conhecimento*, V. 8, N. 1 e 2, p. 141-161, 2020. Organização de Dossiê: Prof. Dra. Ana Carolina Fialho de Abreu Editor-Chefe: Prof. Dr. Juliano Casimiro de Camargo Sampaio ISSN: 2357-710X



TEATRO: criação e construção de conhecimento



Imagem 9: Artesanato “Cofos” cestarias de palha de babaçu e Buriti. **Fonte:** Almeida (2015, p. 129).

As atividades de aprendizagem e confecção de artesanato e demais práticas socioculturais dos Apinayé é um evento que envolve toda a comunidade. As ações envolvem crianças, jovens, adultos e anciões, de ambos os sexos, e também professores, estudantes e lideranças que se mobilizam para cortar a palmeira, preparando-a para confeccionar diferentes objetos que serão utilizados pelos próprios indígenas, ou vendidos para as pessoas que visitam as aldeias (Almeida, 2015). Estes são aspectos que revelam o teor artístico desse grupo indígena, que se revela na perspectiva de uma estética decolonial.

A Educação Escolar, diferentemente da Educação Indígena, é uma educação imposta aos Apinayé à revelia dos saberes tradicionais do grupo. Todavia,

[...] a educação escolar tem despertado interesse das comunidades desde a década de 1960, quando Patrícia Ham realizou os primeiros trabalhos sobre a língua desse povo, incluindo cartilhas para auxiliar os professores na sala de aula, material esse que ainda nos dias atuais são utilizadas por professores na alfabetização das crianças. Contudo, a comunidade, seus professores e alunos, se ressentem em relação à hegemonia de uma “pedagogia da indiferença”, quando o sistema educacional ignora a realidade indígena, impondo um currículo pronto com o mesmo material didático das escolas não indígenas, monolíngue em Português, o que se estende também à grande maioria dos professores, que

não são indígenas e consequentemente, não falam a língua Apinajé (Almeida, 2015, p. 200). (Aspas do texto original).

Mas, afinal, o que fazer para realizar uma Educação Indígena na escola? Um passo importante é considerar que os estudantes chegam à escola com um repertório de saberes advindos da Educação Indígena, aquela que é própria das comunidades. Segundo Almeida (2015), a educação para se efetivar nos liames da Educação Indígena, mas que possa atender aos ditames da Educação Escolar, pode se materializar ao se trazer para a sala de aula as especificidades da cultura indígena, valorizando as subjetividades, partindo, inicialmente da confecção de materiais didáticos que contemplem a realidade da vida dos indígenas e o que herdaram de seus ancestrais, bem como de seu cotidiano nas aldeias.

Nesse sentido, a educação assume o contorno de agente transformador social, com contribuições relevantes promotoras de uma consciência crítica não somente dos alunos, mas também da comunidade em que se inserem, considerando a interculturalidade em que essas relações se efetivam. Tudo isso pode nos levar a compreender a Educação, assim como a Arte dos Apinayé como fatores que contribuem para uma Estética Decolonial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo apresentamos um estudo sobre educação e arte apinayé no contexto de uma estética decolonial. As categorias educação indígena, educação escolar, interculturalidade, educação intercultural e mediação (Inter)cultural também estão no horizonte da pesquisa. Além dessas, colonialidade, colonialismo e decolonialidade permitiram um entendimento mais elaborado do objetivo proposto.

MUNIZ, Simara de Sousa; ALBUQUERQUE, Francisco Edviges; ALMEIDA, Severina Alves de. Educação e Arte Apinayé como possibilidade para uma estética decolonial: um estudo na perspectiva da mediação (inter) cultural. *Teatro: criação e construção de conhecimento*, V. 8, N. 1 e 2, p. 141-161, 2020.

Organização de Dossiê: Prof. Dra. Ana Carolina Fialho de Abreu
Editor-Chefe: Prof. Dr. Juliano Casimiro de Camargo Sampaio
ISSN: 2357-710X

Laboratório de Pesquisa e Extensão em Composição Poética Cênica, Narratividade e Construção de Conhecimento (CONAC)
Universidade Federal do Tocantins (UFT)



TEATRO: criação e construção de conhecimento

Os processos educativos, as artes, e seus artefatos, foram estudados no âmbito da sociedade indígena Apinayé, quando foi possível perceber suas contribuições para uma Estética decolonial. Esta, por conseguinte, ao se reproduzir nas aldeias indígenas, se revestem de características opostas àquelas que historicamente foram intrometidas no imaginário da sociedade ocidental, que desconsiderava todos aqueles que não fossem brancos, detentores de posses e habitantes da polis.

Nesse arcabouço socioantropológico estão os indígenas brasileiros, com um histórico de genocídio que ainda nos dias de hoje ocorrem, dentre estes os Apinayé do Bico do Papagaio. Fadados a uma invisibilidade que os empurra para uma exclusão sistêmica, as mais de 2.400 pessoas que habitam seu

território, conquistado a duras penas mediante a luta de seus lideres em 1984, lutam para sobreviver num cenário de extrema vulnerabilidade.

Todavia, o grupo se mantém coeso em relação à sua artes e cultura, e buscam formas de levar os conhecimentos tradicionais para as escolas que se instalaram nas suas aldeias, amo mesmo tempo em que são conscientes da importância que assume a educação escolar, a qual permite que os indígenas tenham consciência de seus direitos, como povo brasileiro original que são.

Recebido em: agosto/2020

Aprovado em: dezembro/2020

Publicado em: março/2021

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Francisco Edviges (2007). *Contribuição da Fonologia ao Processo de Educação Indígena Apinayé*. Tese de Doutorado. UFF – Universidade Federal Fluminense. Niterói.
- ALBUQUERQUE, Francisco Edviges, ALMEIDA, Severina Alves de (Sissi). Saberes Tradicionais Indígenas nos Processos de Ensino em Escolas Apinajé e Krahô. In: José Carlos Libâneo, Adda Daniela Lima Figueiredo Echalar, Marilza Vanessa Rosa Suanno e Sandra Valéria Limonta Rosa (Org) (2020). *Em defesa do direito à educação escolar: Didática, currículo e políticas educacionais em debate*. E-book. Disponível: <http://cepedgoias.com.br/novo-e-book-em-defesa-do-direito-a-educacao-escolar>. Acesso em: 31-mai-2020.
- ALCÂNTARA, Celina Nunes de (2018). *O Decolonial na pesquisa em artes no Brasil*. 2018. Disponível: <https://humanas.blog.scielo.org/blog/2018/10/23>. Acesso em: 31-mai-2020.
- ALMEIDA, Severina Alves (Sissi) (2015). *Etnossociolinguística e Letramentos: Contribuições para um Currículo Bilíngue e Intercultural Indígena Apinajé*. Tese de doutorado. Orientadora: Rosineide Magalhães de Sousa. UnB, Brasília, 2015. 358 p.
- ALMEIDA, Severina Alves, ALBUQUERQUE, Francisco Edviges, SOUSA, Rosineide Magalhães, SILVA, Ângela Maria, FERREIRA, Renato Reis (2017). A Pesquisa Etnográfica no CONtexto Indígena Apinajé. *JNT - Facit Business and Technology Journal*. v. 1, n. 2. p. 156-176.

MUNIZ, Simara de Sousa; ALBUQUERQUE, Francisco Edviges; ALMEIDA, Severina Alves de. Educação e Arte Apinayé como possibilidade para uma estética decolonial: um estudo na perspectiva da mediação (inter) cultural. *Teatro: criação e construção de conhecimento*, V. 8, N. 1 e 2, p. 141-161, 2020.
Organização de Dossiê: Prof. Dra. Ana Carolina Fialho de Abreu
Editor-Chefe: Prof. Dr. Juliano Casimiro de Camargo Sampaio
ISSN: 2357-710X



- ALMEIDA, Severina Alves (Sissi), et all (2017). Imoralidade como atributo da Gestão Pública no Brasil: Por uma Ética do Devir. *Revista Querubim – revista eletrônica de trabalhos científicos nas áreas de Letras, Ciências Humanas e Ciências Sociais*, ano 13, vol. 04, n. 33, p. 123-149 .
- BERNARDINO-COSTA, Joaze, GROSFUGUEL, Ramón (2016). Decolonialidade e perspectiva negra. *Revista Sociedade e Estado* – v. 31, n. 1, p. 15-24.
- CAMPOS, Claudinei José Gomes (2004). Método de análise de conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. *Rev. bras. enferm. [online]*, vol.57, n.5, p. 611-614.
- CANDAU, Vera Maria Ferrão (2012). Diferenças culturais, interculturalidade e educação em direitos humanos. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 33, n. 118, p. 235-250.
- CASA-NOVA, Maria José (2016). A mediação intercultural e a construção de diálogos entre diferentes: notas soltas para reflexão. *Actas do Seminário Mediação Socioeducativa: Contextos e Actores* Instituto de Educação. Universidade do Minho, Portugal, volume único, s/p.
- CUCHE, Denys (1999). *A Noção de Cultura nas Ciências Sociais*. Tradução de Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC.
- EDUPTUGAL (2020). *Mediação Intercultural e Intervenção Social*. Disponível em: <https://eduportugal.eu/opcoes-de-estudo/mediacao-intercultural-e-intervencao-social-2>. Acesso em: 01-jun-2020.
- FAZENDA, Ivani (2008). *Interdisciplinaridade-transdisciplinaridade: Visões culturais e epistemológicas*. In: FAZENDA, Ivani. *O Que é interdisciplinaridade?* São Paulo: Cortez, 2008, p.17-28.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda (1999). *Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro. Editora: Nova Fronteira; 3ª edição (1 janeiro, 1999).
- FLEURI, Reinaldo Matias (2003). Intercultura e educação. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 23, p. 16-35.
- FREITAS, Altieri Dias de (2019). *Entre o “Ironista” e o “Decolonial”*: um estudo pragmatista de Walter Mignolo. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Pernambuco UFPE. Recife-PE..
- GIL, Antônio Carlos (2002). *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas.
- GOMES, Mércio Pereira (2012). *Os Índios e o Brasil: passado, presente e futuro*. São Paulo: Editora Contexto.
- GÓMEZ, Pedro Pablo (2019). Decolonialidad estética: geopolíticas del sentir el pensar y el hacer. *Revista GEARTE*, Porto Alegre, v. 6, n. 2, p. 369-389.
- GUATTARI, Felix, ROLNIK, Suely (2006). *Micropolíticas*. Cortografias del Deseo. Madrid: Ed. Traficantes de Sueños.

MUNIZ, Simara de Sousa; ALBUQUERQUE, Francisco Edvigés; ALMEIDA, Severina Alves de. Educação e Arte Apinayé como possibilidade para uma estética decolonial: um estudo na perspectiva da mediação (inter) cultural. *Teatro: criação e construção de conhecimento*, V. 8, N. 1 e 2, p. 141-161, 2020.
Organização de Dossiê: Prof. Dra. Ana Carolina Fialho de Abreu
Editor-Chefe: Prof. Dr. Juliano Casimiro de Camargo Sampaio
ISSN: 2357-710X



- KOZINETTS, Robert (2014). V. *Netnografia: Realizando pesquisa etnográfica online*. Porto Alegre: Penso.
- LUCIANO-BANIWA, Gersen dos Santos (2006). *O Índio Brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional.
- MELATTI, Júlio Cezar (1993). *Índios do Brasil*. São Paulo: HUCITEC.
- MIGNOLO, Walter (2015). *Habitar la frontera: sentir y pensar la descolonialidad*. Barcelona: CIDOB/Universidad Autónoma de Ciudad Juárez.
- MIRANDA, Denize Lima, SILVA, Denyse Mota da (2019). Práticas de Letramento Literário: o Leitor e a Obra Literária na Construção do Saber. *JNT - Facit Business and Techonology Journal*. v. 1, n. 10, p. 35-48.
- NIMUENDAJÚ, Curt (1983). *Os Apinayé. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, volume e número únicos. Belém.
- OLIVEIRA, Luis Sérgio (2013). Expressões da estética decolonial na América Latina Barroco, Cultura e desobediência epistemológica. *TÓPOS*, v. 7, n° 2, p. 113-130.
- PALERMO, Zulma (2009). *Arte y estética en la encrucijada decolonial*. Buenos Aires: Del Signo.
- REIS, Maurício de Novais, ANDRADE, Marcilea Freitas Ferraz (2018). O pensamento decolonial: análise, desafios e perspectivas. *Revista Espaço Acadêmico*, v. 17, n. 202, p.1-11.
- RIBEIRO, Darcy (1996). *Os Índios e a Civilização: A integração das populações indígenas no Brasil moderno*. São Paulo Ed. Schwartz..
- RODRIGUES, Aryon Dall'Igna (1986). *Línguas Brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Loyola.
- ROSEVICS, Larissa (2017). *Do pós-colonial à decolonialidade*. In: CARVALHO, Glauber. ROSEVICS, Larissa (Orgs.). *Diálogos internacionais: reflexões críticas do mundo contemporâneo*. Rio de Janeiro: Perse.
- SANTOS, Rafael José dos; BARRETTO, Margarita (2006). Aculturação, Impactos Culturais, Processos de Híbridação: uma revisão conceitual dos estudos antropológicos do turismo. *Turismo em Análise*, v. 17, n. 2, p. 244-261.
- SEVERINO, Antônio Joaquim (2001). *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Cortez.
- SILVA, Clara Welma Florentino (2010). *Mediação intercultural e conflitos culturais no Brasil*. 2010. Monografia (Curso de Direito) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza. 92p. Disponível em <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/30962>. Acesso em 31 de mai.2020.

MUNIZ, Simara de Sousa; ALBUQUERQUE, Francisco Edviges; ALMEIDA, Severina Alves de. Educação e Arte Apinayé como possibilidade para uma estética decolonial: um estudo na perspectiva da mediação (inter) cultural. *Teatro: criação e construção de conhecimento*, V. 8, N. 1 e 2, p. 141-161, 2020.
Organização de Dossiê: Prof. Dra. Ana Carolina Fialho de Abreu
Editor-Chefe: Prof. Dr. Juliano Casimiro de Camargo Sampaio
ISSN: 2357-710X



SILVA, Denyse Mota da. PINHO, Maria José de (2015). LÍNGUA E CULTURA NA SOCIEDADE APINAYÉ. *Revista COCAR*, Belém, v.9, n.18, p. 308 a 333 – Jul./Dez. 2015. Disponível em: <http://páginas.uepa.br/seer/index.php/coca>. Acesso em: 30-mai-2020.

THOMAS, Jim (1993). *Doing critical ethnography*. Sage Production Editor: Tara S. Mead.

VASCONCELOS, Eduardo Mourão (2009). *Complexidade e pesquisa interdisciplinar: epistemologia e metodologia operativa*. 4ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes.